

**MAPEAMENTOS EM UM VAIVÉM DO URBANO À ORLA DO CASSINO- RS:  
PRÁTICAS E ESPAÇOS EM DISPUTA COMO POSSIBILIDADES DE  
DELIMITAÇÕES ACADÊMICAS**

Thiago Silva de Souza<sup>1</sup>  
Méri Rosane Santos da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Objetivei nesse trabalho apresentar os recortes espaço-temporais que potencializaram a produção da dissertação *Verão entre focos: práticas e espaços em disputa na beira da praia do Cassino - RS*. Inicialmente, tratodo exercício de mapeamento das práticas que aconteciam nos espaços urbanos do Cassino nos verões de 2011/2012 e 2012/2013. Através de um vaivémdo urbano à orla, algumas conexões com as práticas e espaços em disputa efetivadas naqueles lugares a partir de suas ocupações potencializavam as próprias delimitações procedimentais dessa pesquisa. Essas demarcações (móveis) deram condições de problematizar o próprio procedimento utilizado, registrando-se esse processo na forma de uma “prancha de bordo”. Tal material não se enquadra exclusivamente a uma definição correspondente ao trato procedimental, sendo entendido também enquanto experimentação do pensamento, através de conexões com a “atualidade” das práticas e espaços que dão visibilidade a esse estudo.

**Palavras-Chave:** Mapeamentos. Práticas e Espaços em Disputa. Cassino.

**MAPPINGS IN THE URBAN SPACE OF THE CASSINO - RS: PRACTICES AND  
SPACES IN DISPUTE AS POSSIBILITIES OF ACADEMIC BOUNDARIES**

**SUMMARY:** I aimedthis work present the clippings spatiotemporal which have worsened the production of dissertation *Summer between focuses: practices and spaces for grabs on the boardwalk Cassino - RS*. Initially tract mapping exercise of the practices that took place in urban areas of the Cassino in the summers of 2011/2012 and 2012/2013. Through a shuttle to the urban waterfront, some connections with the practices and spaces for grabs effect in those places from their own occupations fortified the procedural boundaries of this research. These marquees (mobile) gave conditions to problematize the very procedure used, enrolling this process as a “plank board”. Such material does not belong exclusively to one corresponding to the procedural setting tract, being also understood as a thought experiment, through connections with the "actuality" of practices and spaces that give visibility to this study.

**KEYWORDS:** Mappings. Practices and Spaces in Dispute. Cassino.

<sup>1</sup> Licenciado e bacharel em Educação Física (FURG/UFPEL). Mestre em Educação em Ciências (FURG).

<sup>2</sup> Profª Drª. da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Instituto de Educação, Licenciatura em Educação Física, Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde (FURG). meri.rosane@hotmail.com

## CARTOGRAFÍAS EN EL ESPACIO URBANO DEL CASSINO - RS: PRÁCTICAS Y ESPACIOSEN DISPUTA COMO LÁS POSIBILIDADES DE LOS LÍMITES ACADÉMICOS

**RESUMEN:** Tuve por objetivo en este trabajo presentar los recortes que potencializaron la producción de la disertación Verano entre focos: prácticas y espacios en disputa al borde de la playa de Cassino-RS. Inicialmente se realizó el ejercicio de mapeo de las prácticas que tuvieron lugar en las zonas urbanas del Cassino en los veranos de 2011/2012 y 2012/2013. A través de un servicio de transporte a la costa urbana, algunas conexiones con las prácticas y los espacios para el efecto en juegos en esos lugares desde sus propias ocupaciones potencializaban los límites procesales de esta investigación. Estas carpas (móviles) dieron las condiciones para problematizar el procedimiento utilizado, La inscripción de este proceso como una "tabla de plancha". Dicho material no pertenece exclusivamente a uno que corresponde a la configuración de las vías de procedimiento, siendo también entendido como un experimento mental, a través de las conexiones con la "realidad" de las prácticas y espacios que den visibilidad a este estudio.

**Palabras-Clave:** Cartografía. Prácticas y Espacios en Disputa. Cassino.

### PEDALADAS, CÁMERAS, AÇÃO!

Este trabalho surge de esforços ligados às tentativas de incorporar o surf em diferentes espaços que me constituíram professor de Educação Física<sup>3</sup>. Entre os trabalhos mais significativos, cito a compilação dos meus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) apresentada sob o título *Partiu pro surf: Memórias e Amizades na Praia do Cassino – RS*<sup>4</sup>. Ao analisar as memórias dos surfistas "cassineiros" do final da década de 70 e início da década de 80, identificava o quão potente se tornava a praia para o fomento não apenas do surf em si. Isto porque, diante daquele estudo, percebi pistas sobre a existência de outras práticas possíveis de serem discutidas, a partir de minha presença e meu olhar naquele espaço.

O interesse em sistematizar um estudo a esse respeito me fez elaborar um novo objetivo investigativo com o qual ingressei no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande (PPGEC/FURG), a ser: mapear, nesse plano delimitado pelo espaço da Praia do Cassino, quem são os sujeitos que habitam a praia, quando e como ela é habitada, que coisas, ligadas à Educação Física

<sup>3</sup> Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.seer.furg.br/redis/article/view/2747>. Acesso em 03/07/2014.

ARTIGO

(EF), ali ocorrem contemporaneamente. No entanto, ao penetrar no campo de pesquisa e observando a multiplicidade de práticas que aconteciam no Cassino, algumas indagações movimentavam o contexto investigativo que experimentava, provocando uma diminuição no ritmo que buscava responder aqueles objetivos. Questões anteriores se impunham: o que devo considerar como o espaço da praia a ser mapeado? Como delimitá-la, visto que a extensão que lhe confere o título de “maior do mundo”<sup>5</sup> extrapola os limites urbanos do Cassino?

Essas perguntas por sua vez potencializavam o exercício de delimitação antes mesmo de adentrar o espaço da orla e mapear as práticas e espaços a beira mar. E são pistas desse exercício de ‘como’ delimitei a zona a ser mapeada na orla que pretendo apresentar nesse trabalho, destacando, especialmente, o caráter movente dessas delimitações, constituído por um vaivém do urbano a orla. Para isso, primeiramente destaco o uso daquilo que chamei de “prancha de bordo”. Cabe ressaltar que a prancha aqui, ainda que inspirada no equipamento que utilizo para a prática do surf, ganha traços inventivos ao constituir-se como um bloco de compilação dos registros (escritos e imagéticos) produzidos como dados investigativos<sup>6</sup>.

Por outras palavras, os bordos com essa prancha foram se constituindo pelo vaivém à praia, através de sucessivas pedaladas nas ruas, avenidas, orla e no Molhe Oeste, situado na extremidade norte da praia do Cassino. A bicicleta que habitualmente utilizo em meus deslocamentos à praia e, na própria zona urbana do Cassino, por exemplo, nas idas ao mercado, na visita aos amigos e familiares, ganhou, nos verões de 2011/2012 e 2012/2013, outra função, isto é, meio de deslocamento para a produção dos registros investigativos.

Nesse sentido, frente às delimitações produzidas nesse material, aos poucos, esboçava-se alguns textos/mapas, ora com o auxílio do *Google Maps*, ora, através de uma escrita

<sup>5</sup> Termo difundido entre os “Cassineiros” a partir de uma publicação que na língua portuguesa pode ser traduzido como “livro dos records” que, entre outros assuntos, aponta o Cassino como a maior praia do mundo em extensão.

<sup>6</sup> Utilizo esse termo a partir de um diálogo com Kastrup (2009), quando essa autora o distingue de uma “política cognitiva realista”, usualmente direcionada à etapa inicial da pesquisa, denominada “coleta de dados”. Nesse estudo, os “dados produzidos” são tomados como uma invenção, “como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento, é outro tipo de política, que denominamos construtivista” (p. 34).

ARTIGO

produzida na justaposição com algumas fotografias de própria autoria. A “prancha de bordo”, no decorrer do percurso, fazia-me identificar sintonia com as experimentações do escritor William Burroughs (1989), com seu “álbum de recorte”: “estou andando por uma rua e de repente vejo uma cena do meu livro, fotografo-a e coloco-a num álbum de recortes” (1989, p. 139).

Com essas pedaladas pelo interior do espaço urbano da praia, observava a dinâmica de diferentes práticas, em distintos lugares do Cassino. Com uma caneta e papel, nesse contexto, fazia anotações relativas ao funcionamento das práticas. Essas anotações, aos poucos, deram forma a uma linha de registros, em que a centralidade girava em torno dos horários, das estratégias e regras de participação, bem como a frequência com que aconteciam as práticas em determinados espaços. E, dessa maneira, fui compilando diferentes materiais que variavam entre trechos escritos e fotografias. No entanto, logo na produção do primeiro mapa com o qual buscava localizar geograficamente onde aconteciam às práticas, tornavam-se perceptíveis alguns entraves relacionados ao cruzamento de alguns dados produzidos no mapeamento, especificamente, frente à Praça DídioDuhá e à dinâmica de funcionamento das quatro práticas mapeadas nas diferentes quadras dispostas em seu interior.

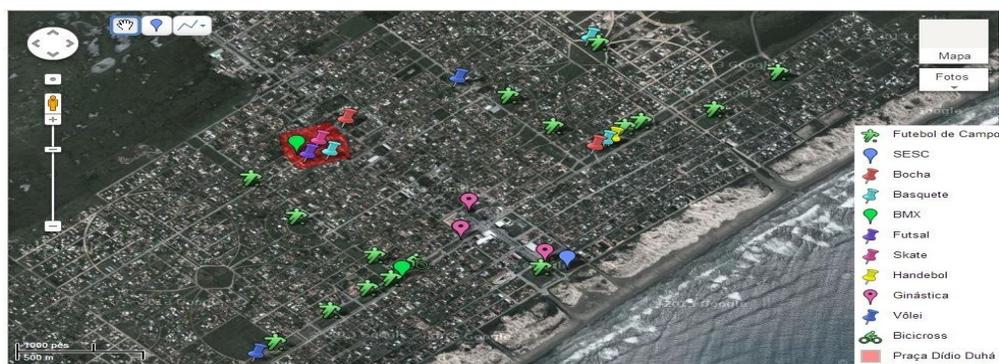


Imagem1: Mapa das práticas mapeadas no espaço urbano do Cassino  
Fonte: Google Maps. Abr, 2013. Acervo pessoal Prancha de Bordo.

<p>✓ As quatro práticas elencadas abaixo foram observadas acontecendo na Praça Didio Duhá, a qual tem seus arredores circunscritos entre as ruas Rio de Janeiro, Oswaldo Cruz, Montevidéu e Alfredo Rodrigues (ver imagem de satélite ao lado editada no programa GOOGLE Maps)</p>	
<p><b>Skate</b></p> <p>- entre as quadras é possível observar estruturas de madeira, que são utilizadas pelos skatistas para a execução de manobras; (segundo alguns skatista estruturas foram retiradas, no início da temporada de 2012, por funcionários da “Secretaria especial do Cassino”); no verão, é comum visualizar skatistas na praça, a partir das 18h;</p> <p>- na praça, no período em que acontece o “Cassinão de Futsal”, os skatistas utilizam a metade da quadra de basquete;- após o término dos jogos do campeonato os skatistas voltam a ocupar o espaço da quadra de futsal (00h, 1h é comum visualizar alguns skatistas no local);</p> <p>- segundo o relato de um skatista, outros espaços que são utilizados para a prática do skate no Cassino são as calçadas de estabelecimentos. No entanto, os praticantes relataram que fora da “canchinha” (Praça Didio Duhá) são advertidos pela polícia ou pelos proprietários e moradores dos arredores dos seguintes espaços: calçada do Otero, do POOL BAR e do Guanabara; durante a montagem da estrutura das bancas referentes à 39ª edição da Feira do Livro, promovida pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) naquele espaço, alguns praticantes de skates e BMX, utilizavam as tábuas de madeira e vigas de ferro como obstáculo para manobras das respectivas modalidades.</p>	<p><b>Futsal</b></p> <p>[...] ocupada por praticantes de futsal, do skate e do BMX, diariamente, a partir das 17h:30minutos/18h;</p> <p>[...] por vezes, observa-se jogos de futsal acontecerem em uma metade da quadra e a outra é utilizada por praticantes de skate e BMX;</p> <p>[...] Realizou-se durante os dias 27 de dezembro a 20 de janeiro desse verão, o Campeonato do Cassino de futsal (Cassinão de Futsal). Esse campeonato constitui-se como prioridade naquela quadra, interrompendo os jogos não vinculados a sua organização, fazendo, portanto, os praticantes do skate e BMX migrarem para outros espaços (com chão de asfalto ou cimento), propícios ao deslize de seus equipamentos.</p> <p>[...] a ocupação relativa àquele campeonato, extrapola os limites da quadra a partir das semi-finais, visto que o número de espectadores aumenta em relação às fases anteriores;[...] em dias que não acontecem jogos do campeonato é possível visualizar o acontecer do futsal, do skate e do BMX no turno da noite (das 20h às 1h é o horário de maior movimento);[...] nos dias que acontece o campeonato a rotina de ocupações e horários observados são interrompidos entre as 20h e 00h. Antes e depois desse período o local volta a ser ocupado pelos praticantes de futsal, do skate e do BMX.</p>
<p><b>BMX</b></p> <p>[...] a prática do BMX acontece geralmente junto a do skate;[...] alguns meninos praticam tanto o skate como BMX;[...] por vezes, os skates são utilizados como obstáculos para manobras de salto dos praticantes do BMX;[...] Fora da “canchinha”, outros espaços que realizam o BMX são na Calçada da SAC, além dos lugares que ocupam junto aos skatistas (Otero, PoolBar, Guanabara).Ao indagar sobre uma Pista de BMX na Avenida Atlântica ao grupo que praticava o BMX na praça, um menino comentou que o lugar mencionado era para campeonatos da BMX, mas que aos domingos se juntava ao grupo que lá treinava.</p>	<p><b>Basquete</b></p> <p>[...] também acontece partidas de duplas e trios em uma das cestas da quadra de basquete na Praça Didio Duhá, a partir das 18h;</p> <p>[...] em outros horários é possível visualizar praticantes solitários, arremessando a bola em uma das cestas;</p> <p>[...] para a realização de jogos na quadra inteira, observamos duas condições: a) número suficiente de praticantes para a composição de dois times; b) negociação com os praticantes do skate e do BMX nos dias que são realizados o “Cassinão de Futsal”.</p>

Imagem 2: Registros na Francha de Bordo, a respeito de algumas práticas mapeadas. Out, 2012.

Seguindo as pistas deixadas por duas das práticas mapeadas, o skate e a BMX, percebi que não eram suas “práticas em si” que me chamavam atenção e sim os tensionamentos que provocavam pelo uso de diferentes lugares não pensados para o acontecimento dessas práticas. Apesar de propícios para o deslizamento de seus equipamentos, esses lugares tinham a estrutura construída para outros fins, como, por exemplo, as quadras de futsal e de Basquete da Praça DidioDuhá. Acrescenta-se a esse contexto, que ambas as práticas também podiam ser encontradas ao longo da via de acesso principal ao espaço urbano, a chamada Av. Rio

ARTIGO

Grande<sup>7</sup>, utilizando-se de lugares não especializados. Um olhar aos relatos daqueles praticantes indicava esses lugares como sendo as calçadas em frente a uma imobiliária, a um fliperama, a um supermercado, ao clube Sociedade Amigos do Cassino (SAC), entre outros empreendimentos comerciais como sorveterias, restaurantes, lojas de roupa, lotéricas e farmácias.



Imagem 3: Imagens de alguns espaços das práticas. Fonte: Google Maps. Out, 2012.  
Fonte: Acervo pessoal. Prancha de Bordo.

<sup>7</sup> Esta avenida, para quem chega pela RS-734 constitui-se como porta de entrada ao Cassino. Se comparada a outros balneários brasileiros, em que as avenidas principais são paralelas à praia e, geralmente, nomeadas de “Beira mar”, a Avenida Rio Grande torna-se singular ao se prolongar verticalmente em relação à praia. Além disso, ao cruzar o perímetro urbano do Cassino, aquela avenida provoca uma delimitação perceptível não só na leitura em mapas geográficos, como também, nas conversas daqueles que frequentam aquele bairro-balneário, corriqueiramente através da pergunta: “pra que lado da Avenida tu mora ou estás veraneando?”.

Esse contexto, em que as calçadas eram referendadas também como locais de disputa das práticas observadas, possibilitou o uso de algumas lentes advindas do campo do urbanismo<sup>8</sup>, através de aproximações com Jane Jacobs (2000), quando alerta que:

[...] as ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas - a parte da rua que cabe aos pedestres - servem a muitos fins além de abrigar os pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto à circulação para o funcionamento adequado das cidades (p. 29).

Da mesma forma que para a autora os usos das calçadas não são sinônimos da circulação de pedestre, durante o mapeamento no veraneio identificava que os usos das quadras erguidas na Praça DidioDuhá não eram sinônimos das demarcações do basquete e futsal. Nessa esteira, comecei a perceber o quanto a circulação gerada pela realização das práticas mapeadas estava submersa não apenas às disputas internas entre dois times de uma modalidade, tal como ocorriam no campeonato chamado “Cassinão de futsal” naquela praça, mas também às disputas entre algumas diferentes práticas registradas no mapeamento uma vez que esses espaços se tornavam foco de skatistas e *bikers*, além dos futebolistas e basqueteiros.

Além das quadras da Praça DidioDuhá, outros registros, aos poucos, afastavam-me da ideia de pensar o acontecer das práticas tão somente observando as arquiteturas correspondentes a cada uma delas (práticas), visto, sobretudo, o olhar lançado aos movimentos demarcatórios que as práticas produziam com seus deslocamentos. Ao seguir essas demarcações moventes, deslocavam-me a “palcos”, também dinâmicos, na medida em que os registros primeiramente direcionados às práticas enquadradas aos espaços com delimitações expressando um fim específico foram sendo rachados pelos enfrentamentos entre

---

<sup>8</sup> Refiro-me aqui as conexões possibilitadas no curso da disciplina “Cidade e Contemporaneidade”, no PPG de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), investimento impulsionado pelo olhar lançado às calçadas.

as práticas a partir da ocupação neles (espaços) efetivadas: 1) Biccicross; 2) Ciclovía da Avenida Atlântica; 3) Rua do Riacho.



Imagem 4: Foto da pista de Biccicross no bairro-balneário Cassino. Jan, 2012.  
Fonte: Acervo pessoal. Prancha de Bordo.

No quarteirão da Avenida Atlântica, delimitado pelas ruas Júlio de Castilhos e São Paulo, a “Rampa do BMX” (como também é chamada por alguns usuários) encontra-se no centro. Circundando a “Rampa” e, constituindo junto a ela, o que proponho chamar de “bicicross”, encontram-se morros baixos asfaltados e delimitações planas, com pneus em seu contorno, que indicam o trajeto a ser percorrido por ocupantes de variados modelos de bicicletas. Entre outros modos de disputas nesse contexto, chamou-me atenção à colocação de estruturas como arquibancadas em parte da pista, independentemente da realização imediata

de campeonatos de BMX (Imagem 5). A ocupação, nesse sentido, era móvel até mesmo através das estruturas ligadas as práticas e espaços que, por sua vez também constituía uma maneira de demarcação naquele lugar.



Imagem 5: Foto da pista de Bicicross no bairro-balneário Cassino. Jan, 2012.

Fonte: Acervo pessoal Prancha de Bordo.

Ao lado da pista de “bicicross”, servindo de acesso aos ocupantes daquele local, bem como a outras localidades do espaço urbano do Cassino, tínhamos a ciclovia. Trata-se de um faixa de saibro que margeava também uma das vias automotivas da Av. Atlântica (Imagem 5). A ciclovia tomou a cena em vista às diferentes disputas que sua estrutura promovia, uma vez que, além do fluxo de bicicletas até o bicicross, ela se constituía como um lugar de caminhadas, corridas e deslocamento de pedestres, como dito, a diferentes lugares do Cassino. Os enfrentamentos entre pedestres e ciclistas giravam em torno de alertas quanto à velocidade

ARTIGO

das bicicletas feitas por aqueles que caminhavam e, por parte daqueles que pedalavam, as reclamações giram em torno da especificidade daquele espaço: “isso é uma ciclovia!”.

Outro ponto referente àquele lugar está ligado a seu prolongamento em toda a extensão da Avenida Atlântica, sendo interrompida, entre as quadras que margeia a Avenida Rio Grande, já que, nesse trecho, o interior da Avenida Atlântica é composto pelas rodoviárias municipal e intermunicipal. Essa separação da Avenida Atlântica no cruzamento com a Avenida Rio Grande, por sua vez, proporcionou-me experimentar duas óticas distintas, apesar de ambas tratarem-se do deslocamento com bicicleta: se de um lado era capturado pelo “bicicross”, a partir da “Rampa” utilizada pelos praticantes do BMX situada paralela a ciclovia; por outro, no lado oposto daquela avenida, o fluxo recorrente das “barras fortes”<sup>9</sup> (Imagem 6) naquela avenida potencializava o mapeamento. Como bandos que migram de uma região a outra em determinadas épocas do ano, o deslocamento do interior do espaço urbano até a beira da praia, feita por meio das “barras fortes”, tomaram a cena. Essa conexão, efetivava-se seguindo aqueles que se deslocavam indo ou vindo em direção à orla ou ao espaço urbano.

---

<sup>9</sup> Modelo de bicicleta reivindicado muitas vezes pela característica dos componentes de sua estrutura, especificamente, os pneus mais largos, bem como o bagageiro acoplado que, por sua vez, propiciam, respectivamente, melhor deslocamento na areia e a possibilidade de carregar utensílios de praia. Apesar de nem todas as bicicletas com as características descritas serem uma “barra forte”, utilizo esse termo atentando-me ao modo como se convencionou chamar aquelas bicicletas por aqueles que frequentam o Cassino.



Imagem 6: Foto da ciclovia da Av. Atlântica no bairro-balneário Cassino. Dez, 2012.  
 Fonte: Acervo pessoal. Prancha de Bordo.

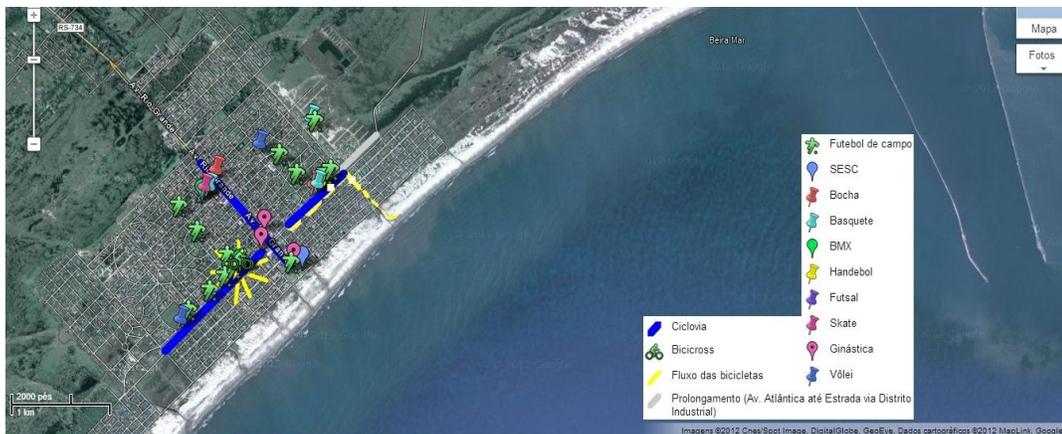


Imagem 7: Mapa das práticas mapeadas entre o espaço urbano e a orla.  
 Fonte: Google Maps. Out, 2012. Prancha de Bordo.

ARTIGO

Adicionalmente, ao seguir o fluxo das “barras fortes”, ativavam-se as conexões com os questionamentos de Jacobs (2010) quanto uma suposta especificidade à presença dos carros nas ruas, já que, através da Rua do Riacho (Imagem 8) a ideia de um fim específico era tensionado pelas próprias ocupações das bicicletas. Em outras palavras, mesmo sem ciclovias e calçadas, a Rua do Riacho comportava uma mistura entre ciclistas, pedestres e veículos, tornando-se também palco de disputas entre aqueles que advogavam a especificidade daquela rua para automóveis e, outros, que com suas circulações dirigiam-se para a orla, ora com bicicletas, ora a pé.



Imagem 8: Foto da Rua do Riacho, um dos acessos entre o espaço urbano e a orla da Praia do Cassino. Dez, 2012. Fonte: Acervo pessoal. Prancha de bordo.

A Rua do Riacho, bem como as Avenidas Rio Grande e Atlântica, na esteira da não especificidade aos modos de ocupar e produzir usos em seus espaços, diante o processo aqui apresentado, apontam para a possibilidade de delimitação também das pesquisas acadêmicas

ARTIGO

interessadas nas demarcações moventes (disputas) de determinados lugares e que, justamente por seu caráter móvel não limitam-se a exatidão de demarcações fixas e pré-estabelecidas. Ao traçar um paralelo entre as “leituras” que fazia para a composição investigativa, a leitura a essas demarcações moventes surgiam como efeito às leituras as “relações de poder”<sup>10</sup> de inspiração foucaultiana e que, no mapeamento, passaram a ser entendidas pela produtividade das disputas entre as práticas em seus processos de ocupação aos espaços.

Ou seja, os enfrentamentos entre as práticas a partir de suas ocupações além de delimitar entre os praticantes maneiras próprias de ocupar os espaços ao não restringirem-se as demarcações fixas que os compunham (os espaços), possibilitavam-me, nesse processo de acompanhar as delimitações efetivadas pelas ocupações das práticas apresentadas, delimitar a própria zona da orla a ser mapeada.

---

<sup>10</sup>Utilizo o termo sob inspiração foucaultiana para o qual o poder (assim para o que tange esse trabalho) não está ligado a uma estrutura unitária relacionada, por exemplo, a “uma” lei, “um” método, “uma” teoria, (“um” lugar). Ele está difuso entre as relações, muito mais que regido ou fixo por/a uma instância hierárquica que o centralizaria. Como alerta Albuquerque Junior (2011), o poder “é imanente a todas as demarcações espaciais que nasceriam das relações de poder, sendo fruto dos enfrentamentos históricos entre forças divergentes” (p.104).

## DAS SUPERFÍCIES ARQUITETÔNICAS ÀS REDES DE CONEXÕES: EFEITOS DE UM VAIVÉM DO URBANO À ORLA

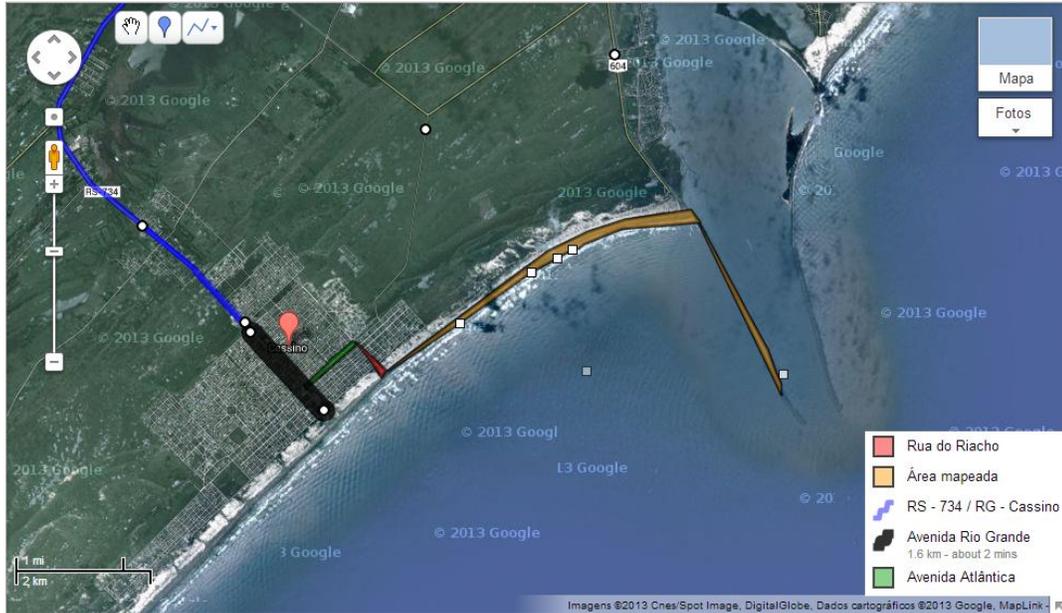


Imagem 9: Produzido através do Google Maps. Abril de 2013. Prancha de bordo.

Os espaços das calçadas da Avenida Rio Grande, como também, o bicross e a ciclovia da Avenida Atlântica e a Rua do Riacho, ao direcionar-me para a praia, interessavam-me menos pelas dimensões que demarcavam suas arquiteturas e mais pelas relações produzidas pelas ocupações aos espaços e as respectivas disputas entre as práticas nesse processo de ocupação. Essa conexão com as demarcações moventes e o destaque que ganhavam frente à configuração arquitetural fixa do espaço, especificamente, efetivadas pela dinamicidade de algumas práticas que ocorriam no Cassino, possibilitavam-me conexões das práticas com a noção de “rede” que nos fala Kastrup (2003), na qual:

[...] pouco importa suas dimensões. Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma, por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e bifurcação. Por isso, a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões e não numa lógica das superfícies (p. 53).

ARTIGO

Frente às tessituras dessa rede, alguns delineamentos efetivados a partir da ocupação a orla ganhavam força ao seguir as bicicletas. Isso, principalmente pelos efeitos produzidos ao próprio procedimento investigativo, já que, se no verão de 2011/2012 as ruas e Avenidas que dão acesso a “canchinha” da DidioDuhá e a “rampa da BMX” constituíam os trajetos para o mapeamento cuja produção de registros acontecia descendo da bicicleta para o manuseio da câmera; na temporada de veraneio 2012/2013, os principais percursos na zona urbana foram a Avenida Atlântica, a Rua do Riacho até os arredores do antigo Terminal turístico, na orla. Retomar esses caminhos, com uma nova estratégia<sup>11</sup> para a produção de imagens, acontecia com o intuito de apresentar um “lado a lado” com as demarcações moventes, no sentido de, ao seguir as bicicletas, apresentar a produtividade das “barras fortes” no exercício de delimitação.

As bicicletas, nesse sentido, possibilitavam um vaivém também de códigos entre o “surfar” e o “pedalar”, tensionado o significado primeiro dado a “prancha de bordo”, uma vez que, não apenas as “pranchas” (na orla), mas também as “barras fortes” (do urbano à orla e vice e versa) impunham as delimitações em meio ao processo investigativo. Tal percepção está presente no fragmento referente aos dados produzidos na orla, relativo a ocupação aos arredores do antigo Terminal Turístico, zona da praia bastante frequentada nos verões:

*[...] Se, por um lado, a existência do vento nordeste impede a visualização das “barras fortes”, nos dias sem vento, as bicicletas tomam a cena, demarcando aqueles que são “cassineiros”, isto é, que moram (ou veraneiam) no Cassino [...] Ainda que o termo “cassineiro” seja bastante difundido entre os surfistas do Cassino, geralmente, para demarcar a fronteira que os diferem daqueles que vêm de fora (turistas e veranistas) ou, simplesmente, para delimitar os laços entre os adeptos que configuram o círculo de práticas locais, especialmente aquelas realizadas no meio aquático, na esteira das delimitações*

<sup>11</sup> Refiro-me à câmera digital GO PRO, a qual, junto a um suporte próprio para seu acoplamento na cabeça, permitiu-me captar imagens ao mesmo tempo em que pedalava. Por não possuir visor para o enquadramento manual entre o olhar e o contexto gravado, procurei posicionar o suporte com a câmera no centro da testa, tendo como noção focal os olhares que lançava às práticas e aos espaços. A intenção foi produzir imagens que me auxiliasse na aproximação com as disputas expressas nas diferentes formas de ocupação da orla, ora ligadas às práticas ora aos espaços. Após transpassar o vídeo ao computador, pude constituir o enquadramento das imagens através de (re)cortes ao longo da gravação.

ARTIGO

*moventes, através das observações realizadas no verão, as “barras fortes” surgiam como que uma extensão para a areia dos códigos delimitadores daqueles que moram no Cassino (“cassineiros”), ao mesmo tempo em que permite conexão com os veranistas que, também produzem demarcações, como, por exemplo, na distinção que exercem frente aqueles que vão para o Cassino passar um dia, uma manhã ou tarde durante o veraneio.*

Ao mesmo tempo em que a “prancha de bordo” não está ligada apenas às práticas que são realizadas a partir de pranchas (como o surf, por exemplo), também não cabe enaltecer a prática daqueles que circulam de bicicletas como determinante às delimitações desse estudo, visto as outras práticas que também possibilitaram o mapeamento a partir de suas demarcações moventes no meio urbano (Skate, BMX, caminhadas) até a conexão com as “barras fortes”. Essa multiplicidade de práticas e espaços de delimitação é que nos colocam “lado a lado” com os apontamentos de Foucault (2013), especialmente quando lamenta que seu trabalho “só funciona para alguns como sinal de pertencimento: estar ‘do lado correto’” (p. 357).

Para Foucault (2013), não se trata de negar alguns posicionamentos, mas que sejam “para procurar se desprender desses mecanismos que fazem aparecer dois lados, para dissolver essa falsa unidade, a ‘natureza’ ilusória desse outro lado de que tomamos partido” (p. 357).

Na tentativa de traçar uma fronteira que não limite a uma dualidade a esse processo investigativo, outras pistas advindas do trabalho de Foucault (2013) tornam-se interessantes, como, por exemplo, quando aquele filósofo propõe pensar a atualidade através do que chama de “atitude”, isto é:

[...] um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamavam de êthos (p. 358).

Em uma leitura mais atenta a essa noção é a uma “atitude de modernidade” que se refere Michel Foucault em seus desdobramentos, e que alio ao próprio desdobrar desse

trabalho. Para isso, vejo como interessante aproximar-me também das análises a que aquele filósofo recorre para essa proposição, ligada, sobretudo, à problematização da atualidade a qual fazemos parte, colocando em xeque, por exemplo, a dualidade que, segundo ele, sucedeu historicamente a formulação da “questão da modernidade”: “não mais em uma relação longitudinal com os antigos e, sim, no que se poderia chamar uma relação “sagital” com sua própria atualidade” (FOUCAULT, 2011, p. 261). Na tentativa de pensar a presente pesquisa a partir dessa relação “sagital” a que nos fala Foucault (2011), as próprias delimitações, pensadas anteriormente, enquanto um processo e, portanto, não fixa a um par dual (sujeito x objeto) surge como potente para pensar a atualidade desse estudo.

As delimitações enquanto processos potencializados pelas demarcações moventes entre prática e espaços em disputa no Cassino, ao mesmo tempo em que dão visibilidade a alguns posicionamentos, os tornam potentes por possibilitarem cortes a uma totalidade de práticas e espaços mapeados (Imagem 1). Ou seja, esses posicionamentos, imbricados aos distintos focos acionados no mapeamento do espaço urbanosurgem potencializando o pensar essa relação “sagital” que nos fala Foucault (2011), especificamente, nesse trabalho, enquanto uma anátomo-geografia em que os cortes anatômicos através de posicionamentos no espaço racham um entendimento unitário relevado ao próprio “corpo procedimental”<sup>12</sup> aqui chamado de “prancha de bordo”.

Nesse sentido, as demarcações móveis entre as práticas e espaços em disputas rachavam não apenas o posicionamento assumido a partir das conexões com a experiência de surfar e ao mesmo tempo pesquisar o surf (em que pese aqui os TCCs e a escolha do termo “prancha” ligada ao procedimento investigativo), já que, ao pensar a atualidade dessa

<sup>12</sup>Essa conexão da noção de “corpo” com o procedimento inicialmente chamado “prancha de bordo” é inspirada em Ortega (2007) quando salienta que para Michel Foucault “o corpo é encarado como uma construção simbólica e não como um objeto de carne e osso” (p. 49). Ou seja, “o corpo desaparece como entidade “material” ou “biológica” já que ele é conhecido apenas mediante o filtro de um determinado discurso (médico, jurídico, pedagógico) ou das relações de poder” (ORTEGA, 2007, p. 48). Especificamente nesse trabalho são as demarcações moventes produzidas entre práticas e espaços em disputa que surgem como o filtro das relações de poder, produzindo efeitos ao próprio trato procedimental relevado a “prancha de bordo”, bem como mostrarei adiante.

pesquisa articulada ao trabalho de Foucault (2011), a própria posição de investigador era rachada por distintos posicionamentos e, nessa esteira, seguindo aquele filósofo, tomar posição:

[...] não será mais de modo algum a questão de sua pertença a uma doutrina ou a uma tradição, não será mais simplesmente a questão de sua pertença a uma comunidade humana em geral, mas de sua pertença a um certo “nós” referido a um conjunto cultural característico de sua própria atualidade (2011, p. 260).

Em um olhar mais detido a “prancha de bordo”, outros delineamentos tornam-se moventes na esteira de Foucault (2013), especialmente, ao explorar a noção de “modernidade” a qual se articula à noção de “atitude”. Ou seja, se para pensar essa última noção Foucault toma como suporte o “ethos” inspirado na antiguidade greco-romana, àquela primeira noção é articulada ao trabalho do crítico de arte francês Charles Baudelaire: “a modernidade baudelairiana é um exercício em que a extrema atenção para com o real é confrontada com a prática de uma liberdade que, simultaneamente, respeita esse real e o viola” (FOUCAULT, 2013, p. 360). E, seguindo essas considerações, é a própria “prancha de bordo” que entra na esteira das demarcações moventes do mapeamento, especificamente, em sua não limitação a “uma” definição ligada tão somente a um procedimento estratégico, bem como foi referendada no desdobramento desse estudo.

Ou seja, nessa articulação a “modernidade baudelairiana” que nos fala Foucault (2013), a “prancha de bordo” é vista, aqui e agora, como uma “prática de liberdade”. O respeito que exerce ao “real” parte da tentativa de, na escolha de focos com as imagens tomadas enquanto texto, dar visibilidade a organização de um “corpo” constituído de práticas e espaços mapeados no Cassino. Corpo esse que se torna violado quando empreendido cortes a um panorama global das práticas e espaços que o constituem, efetivados no trabalho com o computador, isto é: 1) ao longo da gravação dos vídeos com a GO PRO, transformados nos recortes em fotografias; 2) a dimensão global disponibilizada pelo *Google Maps*, transformados nos recortes em mapas; 3) através da escrita, transformada nos recortes com palavras em uma tentativa de ordem as conexões com as imagens.

ARTIGO

Essa violação através de cortes anátomos-geográficos com vistas a posicionamentos específicos frente a uma totalidade de prática e espaços “reais” que acontecem no Cassino, não deixa de ter sua produtividade quando articuladas às ferramentas citadas no parágrafo anterior, já que, potencializam outras práticas, como, exemplos, o escrever e o editar. Estas práticas difusas a uma espacialidade que comporta delimitações moventes entre textos escritos e imagéticos tornam-se produtivas a pesquisa, através da presente textualidade, enquanto um espaço potente ao exercício do pensamento. Por exemplo, da intuição e da percepção ligadas tanto à produção, como a visualização dos textos (imagéticos e escritos) articulados a esse estudo. Esse exercício intuitivo e perceptivo permite, entre outras coisas, a problematização da razão enquanto fundadora das práticas e espaços acadêmicos-científicos quando, por exemplo, fixa-se a um trato racional com delimitações fixas de um procedimento (ou de um método).

Enquanto “atitude” é a não limitação a uma totalidade de práticas a um só espaço-tempo que vejo como interessante nesse re(corte) de pesquisa aqui apresentado. Isso permite pensarmos a produção de práticas e espaços em seus efeitos de delimitação não apenas no espaço urbano ou na orla do Cassino, como também, no exercício prático de delineamento das estratégias investigativas. Portanto, enquanto uma “prática de liberdade” entendida a partir dos desdobramentos efetuados através de cortes com as ferramentas selecionadas para o presente estudo, a “prancha de bordo” volta-se muito mais a uma experimentação do pensamento em articulação ao meio acadêmico-científico, do que propriamente um princípio interpretativo (fixo) a ser seguido. Nesse sentido, aceno para a importância em considerarmos as demarcações moventes (e as disputas, as lutas) também ligadas as estratégias utilizadas na tarefa investigativa, problematizadora da própria prática, sempre inacabada e difusa, visto os efeitos que produz.

Em articulação ao Grupo de Trabalho Temático (GTT) a que conecto a experimentação delineadora desse trabalho, aceno para a possibilidade de pensarmos o Corpo, a Cultura e a Sociedade não limitadas a uma definição fixa de análise. Pautando o corpo, por

exemplo, através da ampliação de olhares vinculados a uma anátomo-geografia compreendida por cortes com posicionamentos nos espaços, os quais através de outros (re)cortes, pode torna-se potente para a Educação Física, no sentido de ampliar seus territórios de ação, através da respectiva ampliação de discussões sobre o “corpo” tão cara a essa área do conhecimento.

Ao que pese a questão da cultura é a fuga à uma doutrina que torna-se relevante de ser forçosamente discutida, especialmente ao que condiz a uma “pré”ocupação com “uma” prática, “a” teoria, “o” método ou procedimento a seguir, uma vez que interpretando a cultura partindo daqueles pressupostos se enfraquece, ao meu olhar, as possibilidades de experimentação ao próprio processo de delineamento investigativo e suas conexões com a “atualidade”. Ao que tange a noção de sociedade é a própria ideia de que a única realidade que um mapeamento pode aspirar são lugares geometricamente/arquiteticamente projetados e, aqui, não refiro-me a possibilidade de mapear outros espaços como a orla (já que nesse recorte pouco foi apresentado sobre isso) e sim, as próprias “leituras” que nos constituem nesses espaços acadêmicos que nos encontramos agora, pois, como bem alerta Foucault (2012)

Um tipo de racionalidade, uma maneira de pensar, um programa, uma técnica, um conjunto de esforços racionais e coordenados, objetivos definidos e perseguidos, instrumentos para alcançá-lo etc., tudo isso é algo do real, mesmo se isso não pretende ser a própria “realidade”, nem “a” sociedade inteira (2012, p. 322).

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. Às margens d’O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, D. VEIGA-NETO, A. SOUZA FILHO, A. (Org). *Cartografias de Foucault*. – 2. ed. – Belo horizonte: Autêntica, 2011.

BURROUGHS, W. *Os escritores: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

FOUCAULT, M. A poeira e a nuvem. In: *Ditos & escritos*, v. IV – Estratégia, poder-saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. Não ao sexo rei. In: *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2013.





ARTIGO

\_\_\_\_\_. O que são as Luzes. In: *Ditos & escritos, vol II* – Arqueologia das Ciências humanas e História dos sistemas de pensamento. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. O que são as Luzes. In: *Ditos & escritos, vol VII* – Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: FONSECA, T. KIRST, P. (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Org.) *Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ORTEGA, F. O corpo em Foucault entre o construtivismo e a fenomenologia. In: BAGRICHEVSKY, M. ESTEVÃO, A. PALMA, A. (Org.) *A saúde em debate na Educação Física* – vol. 3. Ilhéus, Editus, 2007.

SOUZA, T. Verão entre focos: práticas e espaços em disputa na beira da praia do Cassino – RS. 2013. 75 f. Dissertação (Educação em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde – Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2013.

